



Pesquisas

Políticas
Públicas

Educação
Ambiental

Comunicação
Ambiental

Albatroz tem cadeira de vice-presidente em reunião mundial

Reunião trata da
conservação de
albatrozes em
escala global - P. 35

VICE-CHAIR



Postagem em Facebook alcança + de 1 milhão de pessoas - P.27

Patrocínio:



'Consuma São': reflexões sobre consumo e meio ambiente na praia

Entre praias, mar e guarda-sóis, também há espaço para sensibilização e conservação ambiental. A ação foi realizada na orla de Santos - P. 16



Estudos de nova medida para proteger albatrozes avançam

Um dos estudos faz referência ao hook-pod - dispositivo que envolve o anzol e o libera em uma profundidade segura para as aves - P. 7



Índice

Editorial

- Informar para conservar - **P. 4**

Pesquisas

- Projeto Albatroz apresenta frutos da parceria com a BirdLife International em workshop internacional ... **P. 5 e 6**
- Avanços de nova medida para proteger albatrozes são discutidos na Espanha ... **P. 7 e 8**
- Boletim Técnico Científico 2018 divulga pesquisas recentes sobre albatrozes e petréis ... **P. 8 e 9**
- Descubra onde avistar albatrozes e petréis no litoral brasileiro ... **P. 10 e 11**
- Diário de bordo com Gabriel Sampaio - Uma surpresa a cada embarque ... **P. 13 e 14**
- Biologia do Albatroz - Cinco características para entender o desafio de conservação de albatrozes e petréis ... **P. 15**

Educação Ambiental

- 'Consuma São': reflexões sobre consumo e meio ambiente na praia ... **P. 16**
- Albatroz na Escola: ações envolvem mais de 1600 estudantes no último ano ... **P. 17**
- Projeto Albatroz alçou vôos em direção ao Rio de Janeiro e Ubatuba na Semana do Meio Ambiente ... **P. 18, 19 e 20**
- Intervenção na realidade: novos rumos do Coletivo Jovem Albatroz ... **P. 21 e 22**
- Pingue-pongue: Lixo Plástico com Cynthia Ranieri... **P. 23 e 24**



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:



PETROBRAS

**Governo
Federal**



Índice

Comunicação Ambiental

- Albatroz na mídia ... **P. 25 e 26**
- Redes sociais ... **P. 27 e 28**
- Materiais promocionais do ano ... **P. 29 e 30**
- Novos parceiros ... **P. 31**

Políticas Públicas

- Planacap passa a focar na conservação de albatrozes que interagem diretamente com a pesca ... **P. 32 e 33**
- Tatiana Neves representa o ACAP em reunião do Tratado Antártico ... **P. 34**
- Projeto Albatroz tem cadeira de vice-presidente em reunião mundial para conservação de albatrozes ... **P. 35**
- Representante do Projeto Albatroz participa do 1º Seminário Nacional sobre o Combate ao Lixo no Mar ... **P. 36**

Expediente:

Amar o Mar - Revista Virtual do Projeto Albatroz

1ª Edição - Julho de 2017 a Julho de 2018

Publicada pelo Instituto Albatroz, coordenador do Projeto Albatroz

Edição e Diagramação: Jéssica Branco

Textos: Danielle Cameira

Revisão: Tatiana Neves e Jéssica Branco

Colaboração: Gabriel Sampaio, Dimas Gianuca, Tatianne Fonseca, Juiliana Justino e Rosângela Branco

Editorial



Informar para Conservar

A conservação marinha é uma missão de todos: governo, empresas, sociedade e, no nosso caso, do terceiro setor. Acreditamos que é nossa função sensibilizar esses atores acerca desta responsabilidade. É nisto que consiste o nosso trabalho: criar elos, alertar e dar as mãos aos parceiros que nos auxiliam a cumprir esse desafio.

É fato que qualquer pessoa precisa dos oceanos, portanto não é a toa que consideramos o Albatroz um Projeto pela Vida. Entretanto, temos a consciência de que para haver vida no planeta, é preciso ter vida no mar. E é por isso que pensamos em contar ao leitor como trabalhamos para envolver pessoas e potencializar as ações de todos pela conservação. Qualquer indivíduo, empresa ou organização que defenda e cuide do meio ambiente é membro da nossa equipe de heróis que batalham para que o futuro seja sustentável.

Nossa revista tem esse objetivo: compartilhar experiências e conquistas com parceiros que acreditam que podemos

garantir que nossos filhos sejam capazes de conhecer amanhã uma ave que em sua imensidão, impressiona, encanta e semeia os oceanos com vida. Sabemos que somente juntos podemos garantir a existência da maior parte de seres vivos possível e é por esse motivo que criamos a revista **Amar o Mar - Revista Virtual do Projeto Albatroz**.

Para que entendam o que fizemos até a um ano atrás com o objetivo de conservar as nossas incríveis aves, os albatrozes e petréis, dividimos a revista entre áreas de atuação que consistem em “Pesquisas”, “Educação Ambiental”, “Comunicação Ambiental” e “Políticas Públicas”. Esperamos que o conteúdo produzido pela nossa equipe de comunicação contribua para que cada vez mais aprendamos juntos a cuidar dos nossos oceanos.

Um abraço e boa leitura!

Jéssica Branco
Editora da Revista Amar o Mar e Coordenadora de Comunicação do Projeto Albatroz

AMAR o MAR

Revista Virtual
do Projeto Albatroz
Edição 1 - 2017/2018





PROJETO ALBATROZ

PESQUISAS

Projeto Albatroz apresenta frutos da parceria com a BirdLife International em workshop internacional

A equipe de pesquisadores do Projeto Albatroz participou do Albatross Task Force Team Workshop na cidade argentina de Mar Del Plata. O objetivo do encontro era apresentar e debater dados sobre a redução das capturas incidentais de albatrozes e petréis pelas pescas prioritárias de cada um dos países que fazem parte da aliança do Albatross Task Force (ATF).

A delegação do Projeto Albatroz foi representada pelos consultores técnicos da base de Itajaí (SC), Augusto Costa, de Rio Grande (RS), Gabriel Sampaio e ainda o coordenador científico do Projeto, o PhD Dimas Gianuca – responsável pelas atividades do ATF no Brasil.

Os cientistas apresentaram, entre outros dados, estatísticas importantes sobre a efetividade do uso do Hookpod como medida mitigadora da mortalidade de aves na pesca espinheira do Brasil. O dispositivo consiste em uma cápsula acoplada a uma linha de pesca e que protege a ponta do anzol até que ele alcance os dez metros de profundidade – longe do alcance da maior parte das aves.

Segundo o coordenador científico, outro estudo realizado pelo Projeto nos últi-

mos dez anos demonstrou que apesar da legislação brasileira exigir, por meio das Instruções Normativas Interministeriais (INI) nº04/2011 e nº07/2014, o uso simultâneo de medidas mitigadoras como o regime de peso, largada noturna e torilne, a adesão ao uso é baixa por parte dos pescadores. “Consequentemente, a mortalidade dessas aves ameaçadas pela pesca ainda ocorre em níveis preocupantes e insustentáveis”, explicou Gianuca.

Pautas do workshop

Os principais objetivos do workshop realizado em março deste ano eram informar sobre a redução da captura de albatrozes nas pescarias prioritárias de cada país integrante do ATF; identificar estratégias para manter as reduções de captura a longo prazo; avaliar as medidas mitigadoras propostas pelo Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP) e demais planos nacionais; além de finalizar o plano de trabalho e o objetivos para o biênio 2018-2020.

Além do Brasil, também estavam representados na reunião outros seis países engajados no estudo e conservação de albatrozes e petréis como o Chile, Uruguai, Argentina, África do Sul e Namíbia – países nos quais a mortalidade de al-

batrozes na pesca está contribuindo para o risco de extinção de diversas espécies. A Inglaterra, que financia o programa por meio da Royal Society for the Protection of Birds (RSPB), também esteve presente no workshop.

“Esta oficina é uma oportunidade única para somar energias e experiências entre as diferentes equipes da ATF ao redor do mundo. As discussões e colaborações entre as equipes são a base do sucesso da ATF e fazem com que este programa seja conduzido com uma grande e cordial parceria entre todos os integrantes”, afirma Esteban Frere, coordenador sul-americano do Programa Global de Aves Marinhas da BirdLife International. “É uma honra fazer parte deste workshop e desta equipe!”.

Balanço

Para o coordenador científico do Projeto Albatroz, Dimas Gianuca, o balanço

dos quatro dias de workshop realizado em março de 2018 apontam para a necessidade de serem criados mecanismos que assegurem a adoção das mais eficientes medidas mitigadoras pelos diferentes tipos de frotas pesqueiras ao redor do mundo.

Outro desafio comum a todos os países participantes, conforme Gianuca, é a quantificação da mortalidade de aves marinhas em frotas cujo impacto sobre as populações de albatrozes e petréis ainda é pouco conhecido.

“Os resultados das pesquisas que realizamos no Brasil, juntamente com outros países, subsidiam recomendações em tratados internacionais e legislação ambiental”, afirma. “Por isso, a oportunidade de passar vários dias reunido com pesquisadores de diversos países que trabalham por uma causa comum e enfrentam desafios muito semelhantes é fundamental e assim percebemos como estamos no caminho certo”.



Augusto Costa, Consultor da Base de Itajaí, Gabriel Sampaio, Consultor da Base de Rio Grande e Dimas Gianuca, Coordenador Científico do Projeto Albatroz

Avanços de nova medida para proteger albatrozes foram apresentados na Espanha

Em meio aos compromissos da Semana do Meio Ambiente, dois integrantes da equipe técnica do Projeto Albatroz viajaram a Madri, na Espanha, para participar da Reunião Interseccional do Subcomitê de Ecossistemas da Comissão Internacional para a Conservação de Atuns do Atlântico (ICCAT). A fundadora e coordenadora-geral do Projeto, Tatiana Neves, e o coordenador científico PhD Dimas Gianuca, trocaram informações importantes com os demais países sobre estatísticas de captura incidental de albatrozes e petréis no último ano.

O encontro discutiu, no mês de junho deste ano, entre outros assuntos, o impacto de algumas pescarias sobre o estoque de peixes ao redor do mundo; como aplicar as medidas de mitigação eficientes para evitar a captura de aves oceânicas e outras espécies ameaçadas – como é o caso das tartarugas marinhas, mamíferos e determinados peixes; além dos avanços tecnológicos destas medidas.

O Projeto Albatroz e o Projeto Tamar, patrocinados pela Petrobras e membros da Rede Biomar, apresentaram aos representantes pesqueiros, governamentais e científicos, dados relevantes sobre a interação destes animais com a pesca industrial de espinhel, que tem como alvo peixes grandes como o atum. Esta reunião interseccional precede a reunião anual da ICCAT, que acontecerá em novembro deste ano, na Croácia.

Avanços nos estudos do Hookpod

O Projeto Albatroz apresentou dois estudos científicos conduzidos por sua equipe técnica, com o apoio do programa internacional Albatross Task Force, da BirdLife International. Um dos estudos fa-



Hook Pod, dispositivo que encapsula a ponta do anzol de pesca

zia referência à eficácia do uso do primeiro protótipo do hookpod – dispositivo que envolve o anzol e o libera em uma profundidade segura para as aves. A pesquisa foi realizada nas frotas de espinhel em três países: Austrália, Brasil e África do Sul. Os dois últimos são considerados os ‘piores cenários possíveis’ na interação das aves com barcos pesqueiros.

De acordo com Tatiana Neves, co-autora da pesquisa, o estudo apresentou resultados bastante positivos. No total, houve a captura de 24 aves, fígadas por anzóis desprovidos de hookpod. A captura ocorreu com uso do dispositivo apenas uma vez durante o estudo. “Isso aconteceu porque o hookpod em questão foi colocado incorretamente. Ele abriu fora da profundidade correta e capturou uma pardela preta”, explica.

O uso do hookpod como medida mitigadora para a pesca também tem vantagens econômicas. Segundo o estudo, cada unidade do dispositivo vale US\$ 13 (cerca

de R\$ 39), o que diminui os custos da pesca, uma vez que o hookpod já possui peso adequado à normativa brasileira e luz acoplada para a atração dos peixes.

Hookpod Mini

O coordenador científico do Projeto Albatroz apresentou um segundo estudo no encontro. O trabalho, realizado somente em águas brasileiras, testou outro tipo de hookpod, chamado de 'hookpod mini'. O nome faz referência às suas principais características: é menor, mais barato (cerca de R\$ 18), mais leve (45g junto com o peso acoplado), mais fácil de usar e não emite luz, ao contrário do modelo anterior, já que, dependendo da espécie alvo da pesca, o emprego da luz para atração dos peixes nem sempre é utilizado.

Outra vantagem do hookpod mini está em seu funcionamento. “Enquanto o hookpod anterior libera o anzol a dez metros de profundidade, o mini apresenta a possibilidade de liberar o anzol a 20 metros. De fato, ele é ainda mais seguro para as aves e também para as tartarugas marinhas”, detalha Tatiana Neves.

Aprovação internacional: próximos passos

Provar através de estudos científicos a eficácia de medidas mitigadoras como o hookpod não significa que seu uso é obrigatório em todo o Oceano Atlântico. Para que isso aconteça, é necessário que o dispositivo seja aprovado em alguns comitês e instâncias da ICCAT até chegar à reunião da sua Comissão.

O hookpod já é uma recomendação do Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP), mas ainda precisa ser recomendado pela ICCAT para que os países membros da comissão possam



Tatiana Neves, co-autora da pesquisa

internalizar a medida.

“As recomendações oficiais da ICCAT são adotadas por cada um dos países. Uma vez que o hookpod seja recomendado, os países devem torná-lo lei. Esse é um caminho muito importante a ser percorrido mas que, para o hookpod, ainda é muito recente”.

A ICCAT

A Comissão Internacional para a Conservação de Atuns do Atlântico (ICCAT, na sigla em inglês) é uma organização intergovernamental criada no fim dos anos 60 com o objetivo de trabalhar por uma pesca sustentável deste grupo de peixes em todo o Oceano Atlântico e seus mares adjacentes.

Todos os anos, seus 55 países membros se unem para apresentar estatísticas pesqueiras das espécies e os dados de agressão ao meio ambiente. A ICCAT atua em conjunto com ações que conservem outros animais também afetados pela pesca, como é o caso dos albatrozes e petréis. Nela, o Projeto Albatroz atua apresentando pesquisas ou representando o governo brasileiro.

LEIA MAIS

www.iccat.int

Nova base do Projeto Albatroz em Florianópolis abriga Banco Nacional de Amostras de Albatrozes e Petréis



Equipe do Projeto Albatroz e da R3 Animal durante o lançamento da base.

Teve início recentemente os trabalhos de pesquisa ambiental da mais nova base do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras. Florianópolis é a sexta cidade no país onde a instituição mantém equipamentos e equipes de pesquisadores – além de Santos (SP), Itajaí (SC), Itaipava (ES), Cabo Frio (RJ) e Rio Grande (RS). O novo local abriga o Banco Nacional de Amostras de Albatrozes e Petréis (BAAP), que será referência nacional para armazenamento de materiais para estudos científicos sobre estas aves oceânicas.

A base foi implementada em uma parceria do Projeto Albatroz com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (Centro Nacional de Pesquisa e Conservação das Aves Silvestres – CEMAVE, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, Ministério do Meio Ambiente – MMA e R3 Animal e está localizada dentro da unidade de conservação ESEC de Carijós.

Os trabalhos da base estão sob a responsabilidade da pesquisadora do Projeto Albatroz, Alice Ribeiro, e são realizados com colaboração da médica veterinária Patrícia Serafini, Analista Ambiental do CEMAVE/ICMBio. Caberá a elas receber, processar e organizar todas as amostras, além de buscar parceiros que queiram receber carcaças para coleções ou doá-las para pesquisas.

Com a criação do BAAP, o Projeto Albatroz pretende fazer o intercâmbio de materiais e informações entre instituições parceiras (universidades, grupos de pesquisa, entre outros) maximizando o aproveitamento do material, destinando as carcaças dos animais para coleções ornitológicas e convertendo todas as amostras em fonte de dados para todos os pesquisadores interessados. O equipamento de refrigeração e os materiais biológicos estarão alocados na R3 animal, ONG localizada no Parque do Rio Vermelho, também em Florianópolis, focada no resgate, recuperação e reintrodução de espécies em seu ecossistema.

Materiais biológicos

Manter amostras de albatrozes e petréis é importante para desenvolver pesquisas que culminam no melhor embasamento para as tomadas de ação para a conservação de albatrozes e petréis não só no Brasil, mas também ao redor do mundo.

Um banco de amostras já era mantido pelo Projeto desde 2013, com materiais coletados de aves oceânicas, encontradas mortas ou capturadas incidentalmente durante a pesca. No entanto, após a criação dos Projetos de Monitoramento de Praia (PMP) pela Petrobras, o volume das amostras coletadas aumentou, criando a necessidade de centralizar os materiais oriundos das diversas áreas monitoradas, organizando-os e realizando a manutenção para que não sejam perdidos.

As amostras coletadas são materiais biológicos como sangue, tecidos, penas, órgãos, entre outros que auxiliam nos exames de DNA, detecção de poluentes, virologia, bacteriologia e contaminação por microplásticos. Segundo Alice Ribeiro, a coleta segue um protocolo estabelecido pelo Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP) – principal esforço internacional para a conservação dessas aves – para que se mantenha um padrão de coleta que viabilize resultados coerentes no mundo todo.



Momento da assinatura do termo de parceria

Auxílio para pesquisadores

Manter materiais biológicos de diversas espécies de albatrozes e petréis catalogadas e armazenadas corretamente facilitará o trabalho dos pesquisadores brasileiros e estrangeiros que muitas vezes necessitam de amostras e não sabem quem as possui. “Isso também economiza recursos, pois as amostras já estão coletadas, poupando o gasto do pesquisador com idas à campo, por exemplo”, comenta Alice.

A tarefa final, segundo a pesquisadora, é catalogar todas as amostras que o banco possui, juntar com as informações de amostras que as instituições parceiras cederão ao Projeto e disponibilizar em uma plataforma on-line de acesso aberto para qualquer pesquisador interessado.

Para a coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, a parceria com a R3 Animal e CEMAVE/ICMBio é sinônimo de avanço nas pesquisas e desenvolvimento de medidas mitigadoras para conservação das aves não só em âmbito nacional, como também internacional. “A parceria é fundamental para a instalação de trabalhos colaborativos voltados à análise biológica e para o funcionamento do BAAP”.

A base operacional do Projeto Albatroz em Florianópolis está localizada nas dependências da R3 Animal, na Estação Ecológica dos Carijós (Rodovia SC 402, KM 2, Rio Vermelho, Florianópolis/SC).



Descubra onde avistar albatrozes e petréis no litoral brasileiro



Observador de bordo avistando albatrozes em viagem de pesca.

Albatrozes e petréis são aves pelágicas que passam a maior parte da vida sobrevoando regiões de mar aberto em busca de alimento. Algumas delas, apesar do habitat inóspito, podem ultrapassar os 60 anos de idade. Durante este período, elas só voltam à terra firme para construir seus ninhos e alimentar os filhotes junto de seus parceiros. Por esse motivo é que muitas pessoas nunca avistaram um albatroz nas praias brasileiras.

Estas aves oceânicas costumam nidificar em ilhas distantes, geralmente no extremo do hemisfério sul e na Antártida, como as Ilhas Malvinas/Falklands, Gough, Geórgia do Sul e Tristão da Cunha. Mas, de acordo com o consultor técnico da base do Projeto Albatroz em Itajaí (SC), Augusto Costa, estes animais também podem ser encontrados na costa brasileira, que é rota obrigatória de muitos deles durante a migração.

“Tanto albatrozes como petréis também podem ser avistados ao largo das

regiões sul e sudeste do Brasil e, para observá-los, é necessário deixar a terra firme e decidir se aventurar no mar”, afirma.

No total, dez espécies de albatrozes podem ser vistas em águas brasileiras, geralmente próximas às embarcações de pesca. Mas tudo depende do tipo de barco escolhido para a viagem a alto mar. “Embarcações menores podem ser utilizadas para observação de albatrozes mais próximos da costa”, afirma, enquanto para ir até ilhas mais distantes é necessário embarcar em navios maiores.

Nessas regiões, as duas espécies mais comumente avistadas são o albatroz-de-nariz-amarelo e o albatroz-de-sobrancelha-negra.

Ilhas e pontos de observação

As aves oceânicas podem ser observadas, prioritariamente, no litoral sul do Brasil, devido suas semelhanças com o clima antártico. No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, duas localidades se destacam pela oportunidade de ver estes magníficos animais. Nos Molhes da Barra, na

cidade do Rio Grande (litoral sul), e em Torres (litoral norte), é possível avistá-las com os pés em terra firme, desde que se esteja munido de binóculos ou luneta, uma vez que não chegam tão próximas da areia.

Mesmo assim, não é todo dia que albatrozes e petréis dão o ar da graça. De acordo com Costa, as aparições são mais comuns durante o inverno, em dias com bastante vento. “O observador pode ficar um pouco frustrado, porque elas não costumam se aproximar muito das pessoas”, explica o consultor técnico do Projeto Albatroz. Eventualmente, aves pelágicas mais debilitadas podem ser encontradas nas praias ao longo de toda a costa meridional do país.

Os albatrozes também podem ser vistos com maior facilidade em passeios de barco nas proximidades de algumas ilhas e arquipélagos brasileiros mais afastados da costa, como é o caso da Ilha do Arvoredo (SC) - que faz parte da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo -, Ilha dos Lobos (RS) - considerada um santuário de leões e lobos marinhos com área equivalente a dois campos de futebol - e Laje de Santos (SP) - for-

mação rochosa que é habitat de diversas espécies marinhas como raias mantas, golfinhos, peixes e aves oceânicas. Porém, nenhuma espécie de albatroz ou pardela se reproduz nessas localidades, apenas adotam o mar como sua fonte de alimento.

Recomendações

Para finalizar, Augusto Costa explica que é mais fácil encontrar albatrozes do que petréis nessas expedições, pois são mais abundantes em nosso litoral. Além disso, ele salienta que os observadores mais aventureiros que decidirem sair de barco rumo aos locais onde é possível avistar as aves devem ter em mente algumas medidas e equipamentos de segurança.

“É importante procurar embarcações seguras, utilizar roupas adequadas para o frio ou para longos períodos de exposição ao sol e não esquecer equipamentos como binóculos, câmeras fotográficas e guias de identificação de aves”, recomenda.

As ilhas descritas acima são protegidas por lei e suas visitas são permitidas apenas por empresas turísticas e de mergulho, devidamente credenciadas.



Albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*) alçando o voo.

Diário de bordo

Uma surpresa a cada embarque

Cada embarque é uma experiência nova e incrível, nenhum deles é igual.

Meu nome é Gabriel Sampaio, sou Biólogo Marinho e atualmente Instrutor Albatross Task Force (ATF), responsável pela base de Rio Grande do Projeto Albatroz.

Minha última experiência embarcada aconteceu em dezembro de 2017, a bordo do Maria, um barco de pesca de espinhel pelágico atuante na Região Sul do Brasil. Este é por si só um fator de grande influência no nosso trabalho a bordo. O Maria tem 24 metros de comprimento, foi construído nos anos 50, na Noruega, e é feito exclusivamente de madeira. É um barco que nos remete aos tempos antigos de navegação, com sua bússola centenária e seu timão entalhado.

Uma das atividades do Projeto Albatroz é testar medidas que reduzam a captura incidental de Albatrozes e Petréis que interagem com a pesca de espinhel pelágico de superfície. Esse tipo de pesca é voltado à captura de atuns, espadartes e grandes tubarões pelágicos.

Nesta ocasião, eu estava testando o Hookpod, um dispositivo que abriga o anzol iscado até uma profundidade segura para as aves, ao atingir a pressão certa o dispositivo abre-se e libera o material para capturar apenas as espécies alvo.

Estávamos a 300 milhas (540 km) da costa, a uma profundidade de aproximadamente 4000 metros, com o ob-



jetivo de capturar indivíduos de espadarte, ou meca, o principal peixe de bico desta região. Eu nunca havia ido tão longe em nenhum de meus 16 embarques. Estava atento e ansioso para a possibilidade de encontrar espécies incomuns ou raras de aves oceânicas.

Depois de 20 horas de montagem de experimento e organização de material, iniciou-se a operação de pesca e comecei a fazer os censos de aves marinhas. Havia grandes grupos de Pardelas-de-óculos, alguns indivíduos jovens de Albatroz-de-nariz-amarelo e um juvenil de Albatroz-Real seguindo o barco durante o recolhimento do material de pesca.

As dezenas de aves voavam elegantemente no entorno do Maria, utilizando o vento e a dinâmica do mar para planar sem gastar energia, esperando os descartes da pesca para matar sua fome. O monitoramento dessas interações entre as aves e a pescaria é de suma importância para uma gestão eficiente dos recursos e para a conservação dos albatrozes e petréis.

Poucas experiências são tão tocantes quanto a avistagem de um albatroz do gênero Diomedea, ou albatrozes gigantes, animais que podem chegar aos 3,5 metros de envergadura – tamanho de uma ponta da asa até a outra. Mesmo em suas fases juvenis é notavelmente maior do que as outras aves oceânicas.

Subi até a proa da embarcação para acompanhar o albatroz adolescente que planava ao nosso lado. Nos meus

fonos tocava “Riding with the King”, música tocada por Eric Clapton e B.B. King, fiquei acompanhando seu vôo suave e despreocupado, a precisão de seus movimentos e a naturalidade com que se movia para cima e para baixo aproveitando a força dos ventos. Afinal de contas, eu realmente estava andando com o rei ou, ao menos com um príncipe das aves marinhas.

De repente, ao fim da música, me distraí do jovem albatroz e avistei o que parecia ser uma pardela enorme. Para minha surpresa, era um Piau-preto, ou Albatroz-negro, um dos poucos albatrozes de plumagem escura, ameaçado de extinção e bastante difícil de ser avistado em águas brasileiras. Conse-

gui tirar algumas fotografias e fazer seu registro ao longo dos 15 dias que ficamos pescando na região.

Ironicamente, a música que começou a tocar e me fez deixar de prestar atenção no pequeno grande príncipe era “Paint it Black”, dos Rolling Stones. E eu pensei: “parece que até mesmo os albatrozes se pintam de preto de vez em quando!”.

Como disse, cada embarque é uma experiência única para nós, observadores de bordo. O que se vê no mar, só se vê no mar... Somos privilegiados em poder conviver com essas criaturas incríveis e partilhar com os pescadores conhecimentos sobre sua biologia e conservação.



BIOLOGIA DO ALBATROZ



Albatrozes e petréis passam a maior parte da vida em alto-mar. É nele que se alimentam, descansam e se hidratam. Devido às condições do ambiente onde vivem, as aves do grupo *procellariiformes* possuem glândulas nasais capazes de filtrar o excesso de sal da água do mar e excretrá-la.

Você já se perguntou como os albatrozes e petréis estão sempre secos, mesmo estando em constante contato com a água? Assim como muitas outras aves, eles possuem uma glândula uropigial junto à cauda, que secreta uma substância oleosa e, se espalhada em sua plumagem, é capaz de impermeabilizá-la.



Essas aves voam como aviões planadores para economizar energia. Ou seja, aproveitam as correntes de vento para fixarem suas asas e planarem por longos períodos. Sem vento, é impossível alçarem vôo! Além disso, podem parecer desajeitados em terra firme porque têm os pés achatados que funcionam como flaps de um avião, facilitando sua orientação enquanto voa.



Tanto albatrozes como petréis tendem a colocar, em média, um ovo a cada um ou dois anos. Seus ninhos são montados sempre nas mesmas ilhas.

Algumas espécies de albatrozes dão a volta ao mundo e retornam, periodicamente para se encontrarem com seus parceiros reprodutivos. São monogâmicos e, em caso de morte do parceiro, levam anos até encontrarem outra ave com quem possam se reproduzir.



PROJETO ALBATROZ

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

‘Consuma São’: reflexões sobre consumo e meio ambiente nas praias de Santos

Entre praias, mar e guarda-sóis, também há espaço para sensibilização e conservação ambiental. Essa foi a ideia que norteou a ‘Consuma São’, atividade realizada durante o verão de 2018 pela equipe de educação ambiental do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras. O objetivo era incentivar a reflexão de crianças, jovens e adultos sobre a cultura de consumo e sua relação com o meio ambiente.

A ação foi dividida em quatro finais de semana na praia de Santos (SP), cidade onde o Projeto mantém base. A atividade permitiu que os visitantes refletissem sobre a cultura consumista e seus impactos nos ambientes costeiros e oceânicos. Neste cenário, os animais marinhos são os mais ameaçados pela poluição. Os albatrozes e petréis, por exemplo, são vítimas fatais da ingestão de resíduos



Rafael Monteiro durante a ação ‘Consuma São’

plásticos descartados nos oceanos.

Responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz e pela ação, Rafael Monteiro, explicou que o público que passava pela praia era instigado a refletir sobre seus hábitos de consumo com atividades interativas dentro da tenda montada pelo Projeto. “Nós construímos uma praia bastante poluída, na qual as pessoas puderam experienciar a relação com os resíduos e refletir sobre os efeitos do consumo exagerado”.

Após observar a praia degradada, os visitantes eram levados a outro ambiente, de natureza acolhedora e bem cuidada. Eles puderam conversar com os integrantes do Coletivo Jovem Albatroz sobre suas percepções acerca do contraste dos dois cenários e como é possível contribuir para a conservação marinha e costeira com pequenas ações do dia a dia.

SÃO ¹

(latim sanus, -a, -um)
adjetivo

1. Que tem saúde= SADIO; SAUDÁVEL
2. ÍNTEGRO; JUSTO
3. SALUTAR; SENSATO

Albatroz na Escola: ações envolvem mais de 1600 estudantes no último ano

O Programa de Educação Ambiental Marinha 'Albatroz na Escola' (PAE) tem como objetivo sensibilizar alunos e educadores sobre a conservação de albatrozes, petréis e do ecossistema costeiro como um todo. O programa é realizado dentro do ambiente escolar e promoveu, no último ano, atividades para mais de 1600 estudantes e 150 professores do Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação para Jovens e Adultos (EJA).

As ações aconteceram em 7 escolas da Baixada Santista, principalmente em Santos – cidade onde está localizada a sede administrativa do Projeto Albatroz.



Memória Marinha Gigante faz parte da programação do Albatroz na Escola



Alunos recebendo a Cartilha de Educação Ambiental Marinha do Projeto

Próximos passos

Além de expandir suas atividades para novas escolas da Baixada Santista, a educadora responsável pelo Programa Albatroz na Escola afirma que o programa chegará ao estado do Rio de Janeiro nos próximos meses.

Para isso, o Projeto Albatroz está investindo em uma tecnologia capaz de facilitar este contato com os educadores – primeiros a serem sensibilizados no processo de educação ambiental. A partir de um ambiente virtual de aprendizagem dentro do site do projeto, os professores passarão por um treinamento virtual semelhante ao que receberiam dos educadores do Projeto.

Escolas que receberam o Albatroz na Escola no último ano:

- UME Martins Fontes
- UME José Cardoso
- UME Judoca Ricardo Sampaio Cardoso
- Escola Pixote Evoluir
- Colégio Onis
- Colégio Portal Brasil
- EMEF José Inácio Hora

Projeto Albatroz na Semana do Meio Ambiente 2018

A semana entre os dias 4 e 10 de junho foi marcada por uma programação intensa, repleta de eventos educativos para sensibilizar o público sobre a conservação ambiental e celebrar a biodiversidade marinha. As atividades aconteceram em quatro cidades: Santos (SP), Ubatuba (SP), Cabo Frio (RJ) e Rio de Janeiro (RJ). Elas envolveram as equipes do Coletivo Jovem Albatroz, educação ambiental, área técnica e comunicação do Projeto Albatroz.

Foram realizadas sessões de abraços grátis, Jogo do Albatroz, Consuma São, jogo da memória marinha, rodas de conversa, palestras sobre características biológicas dos albatrozes, exibição de episódios da Albatrupe, Marcha Pelos Oceanos, participação em congressos de biologia, presença no lançamento de exposições, momentos culturais, entre outras atividades.

Veja as principais atividades que contaram com a participação do Projeto Albatroz:

+SANTOS

Oceanos Livres de Plásticos

Entre 5 e 10 de junho, o Coletivo Jovem Albatroz realizou sessão de Abraços Grátis e a exposição da Piscina de Tampinhas do Albatroz, que busca sensibilizar os visitantes sobre lixo plástico nos oceanos. Cynthia Ranieri, coordenadora de educação ambiental do Projeto Albatroz, participou ainda do painel “Iniciativas regionais: planos de ação e projetos para a conservação da vida dos oceanos”, e da mostra do filme Albatross - A Love Story For Our Time From The Heart Of The Pacific.



+UBATUBA

III Encontro Jovem Transformar

O III Encontro Jovem Transformar, organizado pelo Projeto Tamar, contou com a participação do Coletivo Jovem Albatroz, dentre outros jovens que fazem parte de coletivos socioambientais para uma programação de dinâmicas, rodas de conversa, atividades culturais, saídas de campo e muito mais durante o fim de semana de 7 a 9 de junho.



+ON-LINE



Palestras Conabiomar

O Conabiomar é um congresso on-line de Biologia Marinha que, neste ano, abordou o tema 'Biologia Marinha na Conservação da Biodiversidade'. No dia 8 de junho, a coordenadora de comunicação do Projeto Albatroz, Jéssica Branco, falou aos participantes sobre o tema 'Conservação Marinha nas Redes Sociais'. Já o coordenador científico do Projeto Albatroz, PhD Dimas Gianuca, ministrou palestra no dia seguinte: 'Projeto Albatroz - Pesquisa e Conservação'.

+CABO FRIO

Semana do Meio Ambiente - Tempo de Reflexão

Durante a Semana do Meio Ambiente organizada pela Prefeitura de Cabo Frio, o Projeto Albatroz ofereceu diversas atividades educativas como, por exemplo, oficinas de reciclagem, coleta seletiva, exposição de fotos, pintura, entre outros, para crianças e adultos. A programação do evento, realizado entre os dias 6 e 10 de junho, foi dividida entre o Horto Municipal de Cabo Frio, a Ilha do Japonês e o Canal Itajuru.



Semana do Meio Ambiente do Bondinho Pão de Açúcar

Projeto Albatroz participou da Semana do Meio Ambiente do Bondinho Pão de Açúcar, com o Espaço Albatroz, entre os dias 5 e 8 de junho. Houve painel de envergadura, jogo da memória marinha e exibição dos episódios ‘De Barriga Cheia’ e ‘Enrolados’, da Albatrupe, na mostra de curtas ambientais do evento, que é parte da Virada Sustentável do Rio de Janeiro.



Lançamento da Expedição Coral: 1865-2018

O Projeto marcou presença no lançamento da ‘Expedição Coral: 1865-2018’ que apresentou a fauna dos recifes de coral do Brasil, telas interativas e instrumentos científicos. Uma área da exposição foi destinada à divulgação dos Projetos da Rede Biomar, grupo de projetos ambientais patrocinados pela Petrobras, do qual o Albatroz faz parte. O evento aconteceu em 6 de junho, no Museu Nacional, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Marcha pelos Oceanos

Convidado pela WWF, o Albatroz, no dia 9 de junho, participou da caminhada pela orla da praia de Copacabana ao lado de outros projetos e organizações ambientais. O evento fez parte da Virada Sustentável do Rio de Janeiro. Durante o trajeto, foram realizadas atividades educativas como a peça infantil “Um passeio Mar Adentro”, oficina de criação de cartazes e um aquecimento para a Marcha pelos Oceanos. O Leme foi o ponto de encontro dos participantes e o traje azul, obrigatório!



Intervenção na realidade: novos rumos do Coletivo Jovem Albatroz



Equipe do Coletivo Jovem Albatroz recém formada.

Após a realização de um processo seletivo, a mais nova turma do Coletivo Jovem Albatroz (CJA) se reuniu pela primeira vez em 6 de março de 2018, no Laboratório Dínamo, dentro da Universidade São Judas - Campus Unimonte, em Santos (SP). Os 22 novos integrantes participaram de dinâmicas de grupo e conheceram a proposta de atuação do CJA, liderado pela equipe de educação ambiental do Projeto Albatroz.

Os jovens tinham entre 19 e 29 anos de idade e diversos tipos de vivências com a educação ambiental, mas com uma coisa em comum: a paixão pelas questões ambientais e pela utilização de processos educacionais para a eficácia das ações de conservação ambiental. Eles fizeram parte do curso de formação de jovens lideranças em educação ambiental, para que atuem como agentes de transformação nas comunidades onde vivem.

De acordo com o responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, Rafael Monteiro, a presença de jovens de diferentes formações e faixas etárias proporcionou tro-

cas muito ricas entre a equipe e os novos integrantes. “O grupo é bastante heterogêneo, multidisciplinar e tem bastante potencial. Temos jovens que já foram voluntários de projetos ambientais e outros que já têm sua própria ONG”, detalha.

Entre as formações profissionais dos participantes há veterinários, jornalistas, assistentes sociais, psicólogos, oceanógrafos, educadores físicos, engenheiros ambientais, biólogos, entre outros. Os participantes da primeira edição do CJA, em 2015, também deram apoio pedagógico às novas atividades do grupo.

Trazer projetos de engajamento social e ambiental para dentro da Universidade São Judas - Campus Unimonte é um dos principais objetivos de trabalho do Dínamo, segundo o responsável pelo laboratório, Nivaldo Silva. “Nós acreditamos na integração da faculdade com o trabalho desenvolvido pelas comunidades locais”, explica. “Abrimos as portas do espaço Dínamo para que o Coletivo Jovem Albatroz consiga desenvolver o seu trabalho em conjunto, em prol do meio ambiente”.

Primeira vez

Recém-formada em Biologia pela Universidade Santa Cecília, Lays Cardoso, de 21 anos, é uma das novas integrantes. Ela já havia participado de diversos workshops, palestras e cursos voltados à área ambiental, mas afirma que nunca havia feito parte de um coletivo.

“É a primeira vez que eu tenho oportunidade de participar de um curso completo e que agregasse tanto conhecimento à minha formação”, diz. “Achei a dinâmica do primeiro encontro bem diferente dos demais que já participei e superou minhas expectativas”.

Fomento de novos projetos ambientais

Formado pela parceria de dois amigos e integrantes de turmas distintas do CJA, Filipe Ramos e Lucca Scarimbolo usaram os conhecimentos e experiências adquiridas nos encontros do Coletivo para a criação de seu próprio projeto: o GerminAção. A iniciativa acredita no poder de mudar a realidade urbana através da permacultura e agroflorestas – movimentos que acreditam ser o caminho para uma transformação social positiva e harmoniosa com a natureza.

Destaques do Coletivo Jovem Albatroz:

Ciência e saber popular

Em busca da Justiça Socioambiental”, a atividade prática foi realizada no Campus Silva Jardim da Unifesp.

Mapas Falados

Construção junto às 150 crianças do Instituto Arte No Dique, na Zona Noroeste de Santos (SP).

Mapeamento de atividades

Saída de campo à Praia do Góes, no Guarujá (SP), para conhecer a sede de um projeto socioambiental em construção.



Construção de mapas falados com crianças do Dique da Vila Gilda, na Zona Noroeste de Santos-SP.

LIXO PLÁSTICO

O prognóstico é assustador, mas especialistas afirmam que até 2050, mais de 50% dos oceanos serão compostos unicamente por plásticos. Tampas, sacolas, lacres, brinquedos, redes, garrafas, entre outros materiais de uso no dia a dia. Conversamos com Cynthia Ranieri, coordenadora de educação ambiental do Projeto Albatroz sobre o tema:

Qual é a diferença entre plástico comum e microplástico?

O microplástico nada mais é que a fragmentação em pequenas partículas do plástico “comum”. O plástico não biodegrada, ele vai sofrendo ação do tempo e vai se fragmentando até se tornar micropartículas... Alguns especialistas chamam de microplásticos as partículas de 1 milímetro, outros autores consideram partículas de 5 milímetros, para definir o tamanho máximo do microplástico.

Do ponto de vista biológico, qual é o impacto de cada um deles na biodiversidade dos oceanos? A poluição, além de física, também é de ordem química?

Os plásticos ‘comuns’ podem ser ingeridos por aves, mamíferos, peixes e répteis... as aves marinhas e as tartarugas marinhas também o ingerem, mas são mais afetadas por confundirem o plástico com alimento. Já o microplástico pode ser incorporado sem nem ao menos ser visto, por qualquer organismo, incluindo aqueles que servem para nossa alimentação.

Quanto tempo os dois tipos de plástico evam até serem totalmente decompostos na natureza?

Eles não se decompõem, apenas se microfragmentam, ou então seguem a tabela de 100 mil anos até desaparecem – o que é quase um infinito de tempo para nós, humanos.



Cynthia Ranieri, coordenadora de educação ambiental do Albatroz

Qual é a intensidade do perigo que os materiais plásticos representam para a sobrevivência de albatrozes e petréis, especificamente?

O problema é grave e o perigo é iminente: eles confundem o plástico com alimentos. Tudo que bóia no oceano, para eles, é comida... Os lacres e outros objetos plásticos consumidos pelas aves se acumulam em seus estômagos, sem que sejam digeridos. Com o estômago cheio de materiais plásticos, não conseguem se alimentar de lulas, krill e sardinhas – seus verdadeiros alimentos – e morrem.

Falando especificamente do microplástico, como ele coloca em risco também a saúde dos seres humanos?

O que as pesquisas revelam é que ele vem sendo incorporado na proteína animal, isto é, está sendo consumido dentro de vários níveis tróficos da teia alimentar marinha e, por consequência, chegando às nossas mesas já incorporado na proteína. Estamos comendo plástico até no sal de cozinha, dizem.

No dia a dia, como é possível contribuir para a conservação marinha e a diminuição da produção de lixo plástico?

Com algumas iniciativas, deixando de adquirir embalagens desnecessárias, inclusive recusando produtos que tenham muitas embalagens plásticas, armazenando coisas em potes de vidro, usando ecobags para compras e muito mais. Cada plástico descartável que evitamos no dia a dia é um recurso natural a menos sendo gasto e um lixo plástico a menos sendo descartado nos oceanos. Reciclar funciona, mas não produzir é o caminho mais promissor, aliado à reciclagem e ao reaproveitamento.

Quais ações a equipe do Projeto Albatroz tem colocado em prática com foco na diminuição do consumo de plástico?

No Programa Albatroz na Escola, focamos as ações onde as crianças e comunidades estão inseridas em áreas críticas de descarte direto de lixo, como a Zona Noroeste de Santos, onde vivem sobre os manguezais ou próximas a esse ecossistema. Mas, todas as escolas cabem no contexto, visto que a maioria dos moradores residem na porção insular da cidade.

No Coletivo Jovem Albatroz, tratamos o tema de forma a fomentar as intervenções ligadas ao lixo plástico de uma forma mais abrangente, *linkando* o conteúdo da con-

servação marinha, políticas públicas, sociedade e cultura à problemática atual.

Também junto aos pescadores de espinhel, iniciaremos um projeto piloto que tem o nome provisório de “Pesca sem Lixo” que visa fazer com que o pescador traga de volta ao porto todos os materiais levados para o mar durante a pesca, com foco no plástico.

Esse piloto acontecerá em Cabo Frio (RJ) mas pretendemos estender para todas as cidades portos onde o projeto tem base de pesquisa.

Além disso, abordamos o tema durante eventos para o público em geral, utilizando nossa ferramenta didática “piscina de tampinhas”, onde as pessoas param para refletir sobre a poluição de forma divertida, contudo incisiva, questionando: qual sua responsabilidade sobre isso?



Piscina de Tampinhas, ação de Educação Ambiental criada pela assistente de comunicação do Albatroz e publicitária Tatianne Fonseca

PROJETO ALBATROZ

COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

ALBATROZ NA MÍDIA

Mais de 1 milhão e meio de reais foi o total da valoração do clipping do Projeto Albatroz no último ano. O trabalho de assessoria de imprensa realizado no período rendeu grandes oportunidades de divulgação em diferentes tipos de mídias. Veja a seguir:

- **Rádio Santos FM:** entrevista com o responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, Rafael Monteiro, sobre as atividades de educação ambiental do Consuma São, realizadas na Praia de Santos (SP).



- **O Eco:** reportagem sobre avanços nas pesquisas do hookpod - dispositivo que aprisiona o anzol e o libera a partir de uma profundidade segura para os albatrozes. A coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatianna Neves, e o coordenador científico, PhD Dimas Gianuca, falaram ao repórter Vandrê Fonseca os perigos da captura incidental e como o hookpod pode ajudar a diminuí-la.

- **National Geographic:** a série 'No Mar: Um Mergulho No Conhecimento' retratou os desafios da profissão do cientista e coordenador científico do Projeto Albatroz, PhD Dimas Gianuca. A equipe embarcou com o pesquisador por três dias para conhecer o trabalho do Albatroz em prol da conservação em parceria com os pescadores. Um lado mais humano do trabalho dos cientistas foi abordado.



DIMAS GIANUCA

D-4 **Turismo**

A TRIBUNA
www.tribuna.com.br

Domingo 18
15 de maio de 2013

Santuários naturais em 4 ilhas remotas

Aves oceânicas, como os albatrozes e os petréis, ameaçadas de extinção, podem ser vistas de perto em arquipélagos pelo mundo

em especial

Apesar de passarem a maior parte da vida no alto-mar, albatrozes e petréis, aves oceânicas ameaçadas de extinção, encontram em ilhas remotas o ambiente perfeito para sua reprodução. Essas aves se alimentam em águas brasileiras e se reproduzem em ilhas de outros continentes, afastadas de qualquer contato com possíveis ameaças da civilização.

Com expectativa de vida em torno de 70 anos, os animais são fiéis e se concentram em o mesmo sítio em todo período de reprodução, na mesma ilha. Sua existência, porém, é frágil: milhares de albatrozes e petréis, apesar de serem animais topos de caleta alimentar, morrem todos os anos vítimas da interação com a pesca de espinhel.

Por esse motivo, ilhas e arquipélagos das mares do sul são verdadeiros santuários de reprodução e observação destes animais. O turismo desses arquipélagos, portanto, necessita ser responsável e controlado. Mas não, do fato, ótimo local para turismo e visitação.

Que tal conhecê-los e ver de perto a ave marinha com as maiores asas do mundo - até 3,5m de uma ponta à outra? A missão é bem mais fácil do que no Brasil, onde eles só são encontrados em alto-mar.



Malvinas/Falklands

A principal avifauna do mundo está em ilhas próximas do Antártico. As Malvinas ou Falklands são um arquipélago com cerca de 200 ilhas, localizadas próximo à costa da Argentina. Entre todos, talvez o destaque sejam duas ilhas: Malvinas (provincia argentina) e Cerros, ambas sede do governo local e cerca de 100 km de distância. O clima é costeiro, com ventos fortes e úmidos, chuvas durante grande parte do ano e sol forte. As aves vivem e se reproduzem geralmente a partir de suas ilhas remotas, mas também do restante das ilhas vizinhas a Cerros. É hoje os Albatrozes-de-subana e a Regia brasileira se reproduzem, assim como Petréis-gigantes-do-Sul. Ao contrário do que se acredita em ilhas remotas, as Falklands ou Malvinas têm uma infraestrutura turística. No site oficial do arquipélago há detalhes de voos e agências de viagens com pacotes especiais. Como não existe quem conheça melhor as ilhas do que seus próprios habitantes, existem guias locais que oferecem pacotes personalizados de turismo ecológico para a visitação das ilhas, observação de albatrozes e outros animais - respeitando o ambiente em que vivem. É claro que obrigações ambientais para os membros da ACAP, conservação dos locais de reprodução e evitar perturbações às aves, não pode deixar de ser um elemento básico de algumas medidas já adotadas de extinção.

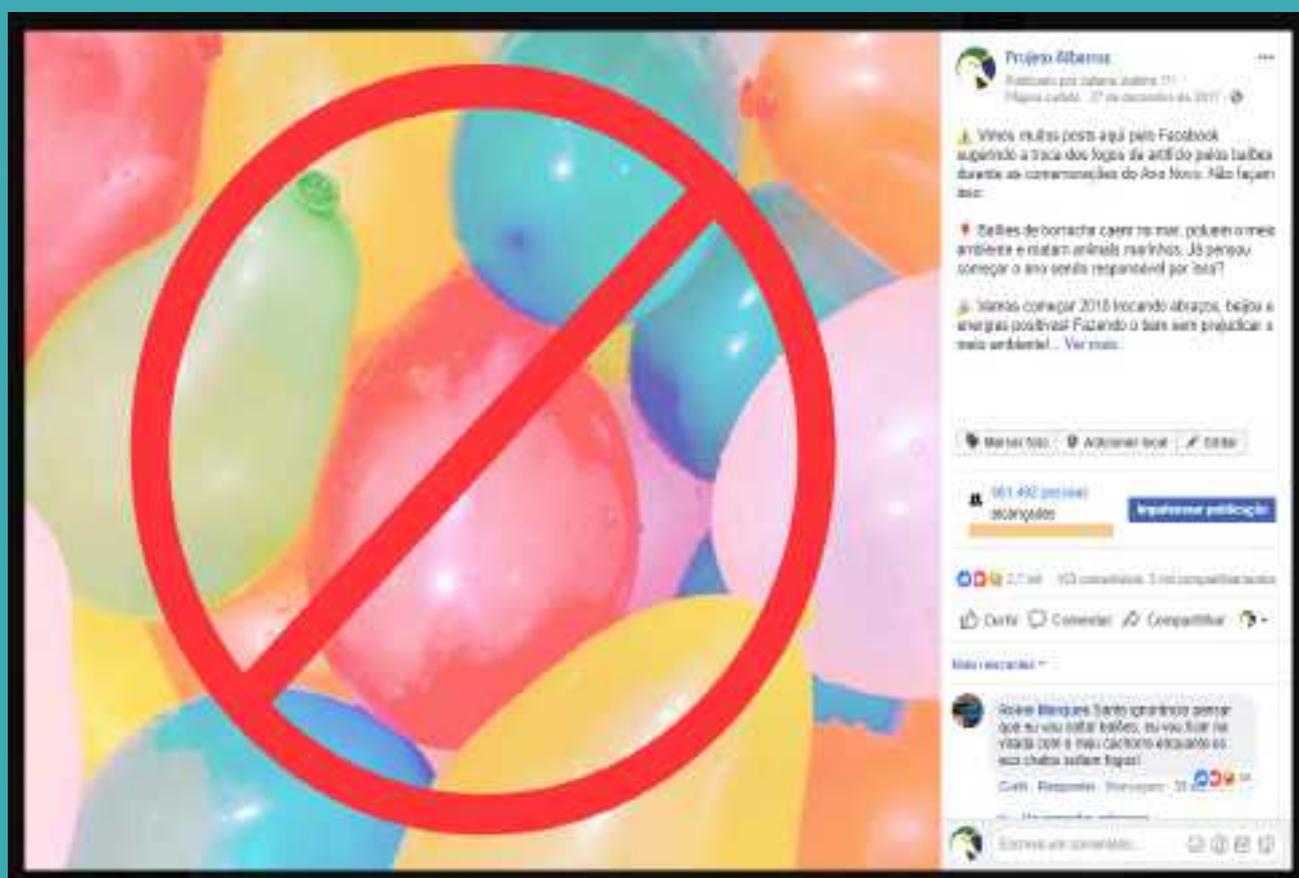
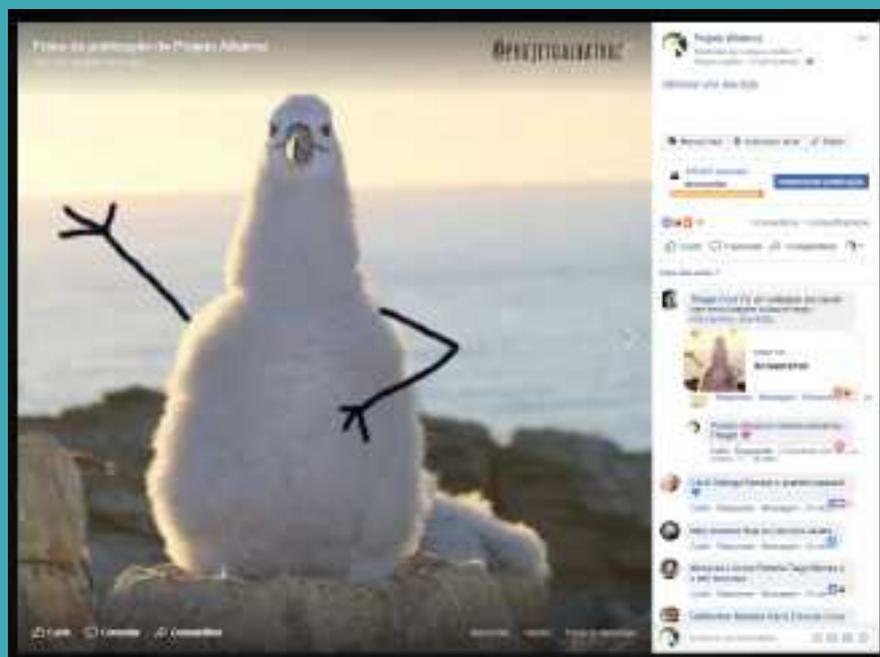
A Tribuna de Santos: emplacar releases de turismo também é uma boa oportunidade de divulgar a importância da conservação marinha. O maior jornal em circulação na Baixada Santista - berço do Projeto Albatroz desde 1990 -, A Tribuna de Santos dedicou uma página inteira de seu caderno de turismo para falar sobre as principais ilhas remotas onde os albatrozes e petréis se reproduzem. Além de trazer fotos incríveis das ilhas Malvinas/Falklands, Tristão da Cunha, Gough e Geórgia do Sul, a reportagem também deu destaque para a atuação do projeto em prol das aves que se alimentam em águas brasileiras.

Redes Sociais



Mais de 35 publicações da página de Facebook do Projeto Albatroz tiveram um alcance superior à 10 mil pessoas no último ano.

Apesar dos fãs curtirem bastante postagens divertidas de “Memes do Bem” com selfies, filhotes e até mesmo poses divertidas de albatrozes como a do meme “Bracinhos” ao lado, foi o tema Lixo que mais chamou a atenção na nossa página.





A postagem “Toque e Descubra” alertando sobre o perigo do lixo plástico para os albatrozes sozinha envolveu mais de 1 milhão e meio de pessoas.



MATERIAIS PROMOCIONAIS

Entre os materiais de destaque deste ano estão o Jogo do Albatroz, construído por meio de oficinas do Coletivo Jovem Albatroz; a squeeze Amar o Mar é... inspirada nas figurinhas “Amar é...”; o caderno com capa que representa a possibilidade do albatroz se guiar pelas estrelas, o painel de envergadura que compara o albatroz com outras aves e o envelopamento de toda a nossa frota de veículos.





NOVOS PARCEIROS

Escola Sabina

A Escola Sabina Parque do Conhecimento, localizada em Santo André (SP), convidou o Projeto Albatroz para dividir informações e experiências de conservação ambiental. Em maio, a escola, que tem parceria com o Instituto Argonauta, recebeu a equipe de educação ambiental do projeto, para atividades com seus monitores e visitantes. Já em julho, foi a vez do Albatroz participar da programação de férias, com piscina de tampinhas, réplica de albatroz-viajeiro, entre outras atividades.



SENAI

Enquanto buscava uma oportunidade de voluntariado, o estudante João Felipe Branco acabou encontrando uma ideia de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para 14 alunos do curso de Assistente Técnico em Vendas do Senai de Santos (SP). A coordenadora de comunicação do Projeto Albatroz, Jéssica Branco, apresentou a eles o planejamento da loja virtual Clube Alba que criou. Com o apoio da equipe de comunicação, os alunos fizeram sugestões de um plano de negócios para a loja do Instituto Albatroz.

Universidade São Judas

Universidade com 47 anos de atuação na Baixada Santista, a São Judas - Campus Unimonte, é parceira do Projeto Albatroz por meio da concessão do Laboratório Dínamo aos participantes do Coletivo Jovem Albatroz. O espaço é um laboratório de inovação de projetos, que conta com impressoras 3D e cortadores laser que permitiram, entre muitos encontros, a produção de materiais multimídia.



PROJETO ALBATROZ

POLÍTICAS PÚBLICAS

Planacap passa a focar na conservação de albatrozes que interagem diretamente com a pesca



Equipe presente na reunião de reformulação do Plano Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap)

Documento lançado oficialmente em 2006, o Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap), passou por um segundo encontro para a revisão de sua estrutura em dezembro de 2017. A oficina reuniu cientistas no Centro de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Nordeste (Cepene), em Tamandaré (PE). O novo texto do Planacap entrou em vigor nos primeiros meses de 2018, por meio de portaria, e trouxe mudanças no que diz respeito à estratégia de proteção das aves da ordem dos Procellariiformes, albatrozes e petréis.

Antes, o Planacap abrangia a responsabilidade de proteger o habitat de reprodução de todas as aves oceânicas. Agora, as ações foram divididas em dois planos. Elaborado com a participação do Projeto Albatroz, o Planacap está focado na conservação do ecossistema marinho, em especial dos albatrozes e petréis que interagem com a pesca; enquanto o Plano de Ação Nacional (PAN) das Aves Marinhas se responsabilizará pelas demais aves que vivem nos oceanos brasileiros e seus locais de nidificação.

As 12 espécies protegidas pelo Planacap serão: albatroz-viajeiro, albatroz-de-

nariz-amarelo, pardela-preta, pardela-de-óculos, petrel-gigante-do-sul, petrel-gigante-do-norte e a pardela-grande-de-sobre-branco.

O plano também passou a incluir a interação destes animais oceânicos com as pescas de espinhel de superfície, espinhel de dourado, linha de mão, vara com isca viva e rede de emalhe.

Ameaças e objetivos

Para atualizar os objetivos do Planacap, os participantes da oficina identificaram as principais ameaças à vida de albatrozes e petréis para delimitar as ações necessárias para conservá-las. Entre as ameaças estão: pesca, ingestão de plástico, mudanças climáticas e patógenos.

Segundo a coordenadora do Projeto Albatroz Tatiana Neves, as novas es-

tratégias de conservação estabelecidas pelo documento alinham o trabalho do Planacap às metas do Acordo Internacional para Proteção de Albatrozes e Petréis (Acap). “As ações descritas no texto do plano têm o prazo máximo de execução de cinco anos, entre 2018 e 2022. Mas isso é variável. Existem ações mais e menos complexas”, explica.



Equipe do Projeto Albatroz e do Tamar presente na reunião do Planacap

O Planacap estabeleceu quatro novos objetivos, que nortearão o trabalho do Projeto Albatroz nos próximos cinco anos. São eles:

- Assegurar o uso de medidas mitigadoras na pesca e fiscalização das embarcações, visando diminuir a captura incidental de albatrozes e petréis;
- Promover pesquisas científicas focadas na incidência, comportamento e mortalidade destas espécies nos mares brasileiros para criar estratégias de conservação;
- Construção de políticas públicas nacionais sobre o combate do lixo nos oceanos e a criação de um banco nacional de amostras de albatrozes e petréis pela parceria entre o Projeto Albatroz e o ICMBio;
- Promover a Educação Ambiental para jovens e outros públicos através de uma comunicação eficiente, além de realizar formação e treinamento de pescadores, agentes de fiscalização da pesca e observadores de bordo.

Tatiana Neves representa o ACAP em reunião do Tratado Antártico

Fortalecendo o compromisso do Projeto Albatroz de fazer parte de encontros em prol da construção de políticas públicas que conservem as populações de aves oceânicas ao redor do mundo, a coordenadora-geral do Projeto, Tatiana Neves, participou da 41ª Reunião Consultiva do Tratado Antártico representando o Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP). A reunião foi realizada entre os dias 13 e 18 de maio de 2018 no Palácio San Martín, em Buenos Aires.

Em meio a painéis expositivos e reuniões de trabalho com o objetivo de discutir o futuro turístico, científico e ambiental do continente, foram tomadas decisões importantes. Entre elas, foi acordada a renovação de seis planos de gestão de zonas antárticas de proteção especial, diretrizes ambientais para a operação de aeronaves não tripuladas (drones) e um código de conduta para cientistas feito pelo Comitê Científico de Pesquisa Antártica (SCAR). Outra discussão tratou do ordenamento da atividade turística.

Tatiana Neves lembrou da importância da manutenção do território antártico para fins pacíficos e de pesquisa científica. “Esta é a principal região de reprodução

e alimentação de diversas espécies de aves, como os albatrozes e petréis e, portanto, é de preocupação do Projeto”.

O Tratado é importante para o Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP) e, por isso, a coordenadora-geral do Projeto reforçou o compromisso do Acordo, do qual é vice-presidente do Comitê Assessor, de colaborar com o Tratado Antártico para melhorar o estado de conservação das espécies ameaçadas e seus habitats.

O Brasil no Tratado Antártico

O Tratado Antártico foi criado oficialmente no fim da década de 50. Ele buscava assegurar que o continente fosse utilizado apenas para fins pacíficos, como turismo e pesquisa científica, de forma que não se tornasse objeto de discórdia internacional.

A primeira reunião dos membros do Tratado Antártico aconteceu em Camberra, na Austrália, em 1961. O Brasil firmou sua entrada oficial somente em 1975. O documento determinava que o continente não pertenceria a nenhum país em especial até o ano de 1991, prazo que foi prorrogado até o ano de 2041 em uma reunião realizada no mesmo ano.



Os encontros acontecem anualmente e envolvem, além dos países membros, organizações científicas, governamentais e não governamentais.

Projeto Albatroz tem cadeira de vice-presidente em reunião mundial para conservação de albatrozes



Tatiana Neves exercendo o seu papel de vice-presidente do comitê assessor do ACAP.

Cerca de 53 pautas voltadas à conservação dos albatrozes mundialmente foram abordadas no 10^a Encontro do Comitê Assessor do Acordo Internacional para Conservação dos Albatrozes e Petréis (ACAP) em Wellington, Nova Zelândia, realizado em setembro de 2017. Tatiana Neves, coordenadora geral do Projeto Albatroz, representou a conservação dessas aves no Brasil e ainda teve o importante papel de vice-presidente do comitê internacional.

No encontro, também foram discutidas ações de proteção para essas aves em locais como a América do Sul, África do Sul e Europa.

O Projeto Albatroz é uma organização brasileira referência há mais de duas

décadas na conservação do grupo de aves oceânicas mais ameaçado de extinção do planeta: os albatrozes e petréis. Essas aves são migratórias e se reproduzem em ilhas distantes em regiões como a Antártida e a Nova Zelândia. Um dos seus locais de alimentação é a costa sul e sudeste brasileira.

Portanto, a parceria entre diversos países para construção de ações de conservação dos albatrozes é imprescindível. Por esse motivo, o Projeto Albatroz conta com o apoio da Royal Society for the Protection of Birds (RSPB), BirdLife International por meio do grupo mundial do qual faz parte Albatross Task Force e da Save Brasil.

LEIA MAIS

www.acap.aq

Projeto Albatroz marcou presença no 1º Seminário Nacional sobre o Combate ao Lixo no Mar

O coordenador científico do Projeto Albatroz, PhD Dimas Gianuca, fez parte dos painéis de discussão do 1º Seminário Nacional sobre o Combate ao Lixo no Mar, em novembro de 2017. O evento foi realizado no Maison de France, no Rio de Janeiro, pela parceria entre Ministério do Meio Ambiente, a ONU Meio Ambiente e o Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP). O seminário tinha como objetivo debater ideias para fundamentar um futuro Plano Nacional de Combate ao Lixo no Mar.

O seminário reuniu representantes do governo, da academia, setor privado e sociedade civil em discussões que apresentaram estudos e experiências relacionadas ao lixo no mar, seus impactos, possíveis soluções e desafios de pesquisa, educação e mobilização.

Dimas Gianuca participou do painel “Desafios da mobilização para o combate ao lixo no mar”, que ocorreu no último dia do evento e teve mediação do gerente de Gerenciamento Costeiro do Ministério do Meio Ambiente, Régis Lima. O tema da fala do coordenador científico foi “Educação ambiental: potencialidades e limites”. O painel contou ainda com palestras de Eliane Benício (Canal Futura), Fabiano Barreto (Global Garbage) e João Malavolta (Instituto Ecosurf).

Gianuca falou sobre a experiência do Projeto em relação ao volume de lixo nos oceanos e como esse cenário afeta diretamente a vida dos albatrozes e petréis – aves oceânicas que passam a maior parte da vida em alto-mar.

“Eu apresentei os sucessos alcançados



Dimas Gianuca, coordenador científico do Projeto Albatroz

pelo Projeto Albatroz através de aproximação e educação dos pescadores, bem como o desafio de mobilizar os trabalhadores da pesca de alto-mar para a conservação marinha”, explica.

Políticas Públicas

Com o patrocínio da Petrobras, o Projeto Albatroz atua na conservação da vida dos albatrozes e petréis, bem como do habitat onde passam a maior parte da vida – o mar. Em 2017, durante a Conferência dos Oceanos, em Nova York, o Brasil firmou o compromisso voluntário de formular o 1º Plano Nacional de Combate ao Lixo no Mar, previsto para ser lançado ainda em 2018. A realização deste seminário foi o primeiro passo para a criação do plano.

Para Gianuca, participar deste evento como representante do Projeto Albatroz significou defender a conservação dos oceanos e contribuir para a diminuição do número de mortes de animais marinhos em geral. “Eles morrem ao ingerirem plásticos ou serem presos ao anzol. Além disso, o plástico também se quebra em partículas muito pequenas que contaminam o ecossistema marinho como um todo”.